



A TELEVISÃO E O SOBERANO DESCONHECIDO EM MOÇAMBIQUE: OS EFEITOS DE VIGIAR E PUNIR OS ANALISTAS

*TELEVISION AND THE UNKNOWN SOVEREIGN IN
MOZAMBIQUE: THE EFFECTS OF SURVEILLING AND
PUNISHING ANALYSTS*

“Mesmo que nós tenhamos que morrer nesta luta. Isto é opressão, não temos dúvidas em relação a isso. O tirano, quando te pisa, não para, vai continuar a pisar mais ainda”. (JJM, 2018)¹

António Bai Siteo Júnior²

Universidade Eduardo Mondlane (UEM)
Pesquisador Assistente na Bloco 4 Foundation

Resumo: Este documento de pesquisa procura analisar de que modo a liberdade de expressão, se torna um ponto de entrada para compreender a violência e atos de intimidação contra analistas políticos e sociais nas televisões em Moçambique. O argumento central da pesquisa sugere que existe um soberano desconhecido no país, que surgiu através das dinâmicas de transformação e transição político-social que vigia e pune os analistas e consequentemente a toda sociedade. Com base no método de análise de conteúdo, entrevista semiestruturada e pesquisa

Abstract: This research document seeks to analyse how freedom of expression becomes an entry point to understand violence and acts of intimidation against political and social analysts on televisions in Mozambique. The central argument of research suggests that there is an unknown sovereign in the country, which emerged through dynamics of transformation and political-social transition that watches and punish analysts and consequently to every society. Based on content analysis method, semi-structured interviews and documentary research, the study concluded that the abductions and

¹ José Jaime Macuane: entrevista concedida ao O País após a agressão de Salema. Disponível em: <<http://opais.sapo.mz/personalidades-indignadas-com-o-rapto-de-salema>>. Acesso em 13/05/2019.

² Licenciado e Mestrando em Ciência Política pela Universidade Eduardo Mondlane. E-mail: antoniobaisitoe@gmail.com

documental, o estudo concluiu que os sequestros e agressões do soberano desconhecido contra os analistas, contribuem para mudança de direção ou resistir as novas formas de mudança e desenvolvimento que surgem com os debates analíticos nas televisões.

Palavras-chave: Televisão; Soberano Desconhecido e Violência.

assaults of the unknown sovereign against analysts, contribute to change direction or resist new forms of change and developments that arise with analytical debates on televisions.

Keywords: Television; Unknown Sovereign and Violence.

Introdução

Com aprovação da Constituição multipartidária em 1990, a paisagem política moçambicana viu introduzido o Estado de Direito, alicerçado na separação e interdependência de poderes entre o executivo, legislativo e o judicial, a instauração do sufrágio universal periódico, o carácter soberano do Estado de Direito Democrático, baseado no pluralismo de expressão, organização partidária e no respeito e garantia dos direitos e liberdades fundamentais dos cidadãos.³

Esta Constituição consagrou em sintonia com a lei da imprensa, lei 18/91, o princípio da liberdade de expressão, da criação dos jornalistas, do acesso às fontes de informação, à proteção da independência e do sigilo profissional e o direito de criar jornais, publicações e outros meios de difusão, assegurando a expressão e o confronto de ideias das diversas correntes de opinião nos meios de comunicação pública.

Este jogo constitucional cimentou as bases dos novos atores políticos, sociais, económicos e novos espaços de poder em Moçambique, especialmente a media privada, reafirmada pela Constituição de 2004, que de certa forma, desafiava o antigo cenário dos medias no país. Caracterizado por transmissão de ideias do novo regime, desencorajar ou controlar sectores hostis ou considerados como tal, consolidar a unidade nacional e aliança operário-camponesa e do seu partido de vanguarda ao serviço da revolução.⁴

³ MOÇAMBIQUE. Constituição (1990), Constituição da República de Moçambique. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique, 1990.

⁴ CHICHAVA, S; POHLMANN, J. Uma Breve Análise Da Imprensa Moçambicana, *In*: BRITO, L., CASTELBRANCO, Carlos; CHICHAVA, Sergio; FRANCISCO, A. (eds), **Desafios para Moçambique 2011**, Maputo: Instituto de Estudos Sociais e Económicos, 2010, pp. 127-138.

Durante o governo do Estado-partido, a vigilância e a punição ocorriam de maneira explícita pelo próprio Estado. Sobre a sua vigilância, o Serviço Nacional de Segurança Popular (SNASP) tinha a prerrogativa de confiscar propriedades de qualquer opositor do regime, prender pessoas sem mandatos e fazer investigações, decidir o destino dos prisioneiros que poderiam ser encaminhados a polícia judicial ou serem mandados para os campos de reeducação.⁵

No entanto, com a democratização que implicava à desconstrução do Estado-partido, uma entidade desconhecida e difusa surgia no processo de transição político-social, cingindo-se numa primeira fase, ao quadro técnico e institucional da imprensa escrita, onde ao distribuir a sua economia de vigiar e punir, ao menos um jornalista investigando casos de corrupção no sector público foi assassinado: Carlos Cardoso, assassinado em 2000 após ter escrito alguns artigos acerca da fraude bancária que ocorreu aquando da privatização do Banco Comercial de Moçambique.⁶

O assassinato de Carlos, cimentou percepções da existência de uma entidade desconhecida, que resiste as dinâmicas de transformação e transição político-social que se desenvolviam com a inserção da media privada, e que conseqüentemente, não reconhece a expressão e o confronto de ideias das diversas correntes de opinião nos meios de comunicação. Nesta conjuntura, a media moçambicana sofria transformações, com o desenvolvimento das diversas emissoras televisivas, o instrumento preferencial de vinculação da informação passava a ser a televisão.

Desta forma, a economia de vigiar e punir do soberano desconhecido passou para além do quadro do jornalismo escrito a ser partilhado aos analistas da televisão, dos quais no período de 2015 á 2018 destacam-se o Constitucionalista e Professor Catedrático Gilles Cistac, morto a tiros no ano de 2015 na Cidade de Maputo, Professor universitário José Jaime Macuane, sequestrado e baleado nos membros inferiores no primeiro semestre do ano de 2016, e o caso do jornalista Ericino de Salema, sequestrado e agredido no ano de 2018.

Apesar de suscitar questões ligadas à agressão dos analistas, a presente pesquisa não constitui uma ciência forense, que objetiva identificar os eventuais

⁵ CABRITA, João. Moçambique: **The Tortuous Road to Democracy**. Palgrave, 2000.

⁶ OPEN SOCIETY INITIATIVE FOR SOUTHERN AFRICA (OSISA). **Moçambique Democracia e Participação Política**. Joanesburgo: OSISA, 2009.

autores e a comprovação de sua culpa. Porém, como real objetivo das ciências sociais, trata de compreender, considerando o caso padrão de José Macuane e Ericino de Salema, como as agressões contra os analistas que participam dos debates televisivos surgem na sociedade e se articulam de forma a minar a liberdade de expressão.

O artigo busca produzir uma análise crítica sobre o cenário conturbado do exercício da realidade moçambicana realizada em canais de televisão e os perigos que esta perspectiva pode ocasionar. Produz um levantamento sobre os principais espaços midiáticos televisivos de Moçambique, e esforça-se em promover uma análise sobre a relação entre os meios de comunicação privados, o exercício jornalístico na televisão e as possíveis formas de repressão à imprensa, inclusive com o potencial risco à vida.

Nesta perspectiva, o estudo parte das seguintes indagações: quais são os efeitos da violência do soberano desconhecido à liberdade de expressão nos debates televisivos e na sociedade depois da agressão dos analistas? Até que ponto a agressão dos analistas pelo soberano desconhecido contribui para mudar de direção ou resistir as novas formas de mudança e desenvolvimento (debates políticos nas televisões e na sociedade)? Como o Estado e os governos respondem e em que medida são influenciados pelo soberano desconhecido?

Como forma de responder as inquirições supracitadas, tomou-se por referência a técnica de análises formais do método de análise de conteúdo, observando-se quatro emissoras privadas que apresentam programas de debate sociopolítico, antes do vigor da transmissão digital obrigatória anunciada em 2021, nomeadamente: 1) STV, com o programa Pontos de Vista; 2) a TV Miramar com o Resenha Semanal, 3) a TV Sucesso com o programa Visão Política e a 4) Gungu TV com o programa Gungu Debate.

Para consubstanciar as análises dos programas, foram empreendidas entrevistas semiestruturadas com analistas, acadêmicos e testemunhas privilegiadas (José Macuane e Ericino de Salema), os quais o estudo diz diretamente respeito. Adicionalmente, foi feito um catálogo de observações de diversas individualidades com base em material recolhido da imprensa escrita, parte de intelectuais via *redes sociais* e discussões da internet nos períodos dos sequestros e agressões dos analistas.

1. O soberano desconhecido e os sistemas de vigilância

O debate em torno dos soberanos que reclamam o poder de vigiar e punir os seus cidadãos ocorre a mais de um século. Os trabalhos de Foucault e Orwell, traçaram avenidas significativas para a compreensão deste fenômeno. Em vigiar e punir de Foucault e na ficção despótica 1984 de Orwell, os soberanos Estatais configuram-se como detentores do poder do controlo mental e dos corpos dos seus cidadãos. Através desses poderes, os soberanos moldam o comportamento dos indivíduos a favor de ações desejadas.

Foucault retrata um sistema de vigiar e punir típico dos Estados clássicos, onde o espaço geográfico, isto é a prisão de arquitetura panóptica, desempenha o papel preponderante para controlar os seus cidadãos.⁷ Por outro lado, Orwell em sua nação futurista de Oceana, detalha o monitoramento dos cidadãos em suas casas através da *teletela*, um dispositivo que tanto projeta as imagens quanto o comportamento dos seus cidadãos.⁸

Em sua análise, Foucault não tomou em consideração o impacto da contemporânea, e em particular das novas tecnologias digitais.⁹ Em contrapartida, em 1984 de Orwell, os sistemas de vigilância tecnológicos acompanhariam o cotidiano de cada cidadão a favor de uma figura governante designada "Big Brother" (Grande Irmão).

Contudo, apesar dessas dissimilitudes, Foucault e Orwell concordam que a vigilância é parte de um regime em que comparativamente poucos indivíduos ou grupos poderosos assistem muitos, em uma forma de escrutínio de cima para baixo.¹⁰ Entretanto, o que os dois autores não levaram em conta, é que as novas tecnologias de informação e comunicação como a televisão e as redes sociais, permitiriam que muitos vigiassem os poucos, e tal situação, resultaria na decomposição do monopólio de vigilância como transcorreu em vários Estados do mundo e em Moçambique.

⁷ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 27 ed. Petrópolis, Vozes, 1999.

⁸ HAGGERTY, Kevin; ERICSON, Richard. The surveillant assemblage. *In*: HIER, Sean; GREENBERG, Josh (eds). **The surveillance studies reader**. Berkshire: Open University Press, 2000/2007, pp. 104-116.

⁹ WOOD, D. M. Beyond the panopticon? Foucault and surveillance studies. *In*: CRAMPTON, Jeremy; ELDEN, Stuart (Eds.), **Space, knowledge and power**: Foucault and geography. Aldershot: Ashgate, 2021, pp. 245-263.

¹⁰ HAGGERTY, Kevin; ERICSON, Richard. *Op. cit.*

A FRELIMO que assumira o país depois da guerra de libertação, impunha-se como o verdadeiro príncipe funcionando como intérprete e condutor da coletividade.¹¹ Os Grupos Dinamizadores, garantiam a vigilância da população.¹² Estes e os comitês ao nível das bases, denunciavam os infratores as instâncias superiores para serem punidos. Os campos de reeducação constituíam um meio panóptico onde os indivíduos tidos como rebeldes e contra as políticas do partido eram submetidos. Neste quadro, a vigilância e punição constituíam objeto exclusivo do Estado-partido.

Na conjuntura da democratização, vários mecanismos de vigilância social de que a FRELIMO se servia, dissolveram-se no contexto. A aprovação de uma constituição democrática e uma lei que instituía a media privada, gerou novos atores e democratizou os cenários de vigilância social.

É neste oceano que surge o soberano desconhecido, uma entidade que extravasa os limites dos soberanos vigentes e reconhecidos em seus Estados. O soberano desconhecido surge através das novas dinâmicas sociopolíticas e tecnológicas, explorando as fragilidades da modernidade de vigilância e constitui o seu poder onde muitos possuem azo de vigiar os poucos. Deste modo, resiste as dinâmicas que se desenvolvem com a inserção da media privada, punindo o confronto de ideias das diversas correntes de opinião nos meios de comunicação.

Na sua engenharia de punir, o soberano desconhecido aplicaria métodos legítimos dos soberanos descritos por Foucault e Orwell. Onde o castigo dos seus inimigos é uma maneira de buscar uma vingança pessoal e pública. É um cerimonial para reconstituir a soberania lesada por um instante. Ele a restaura manifestando-a em todo o seu brilho. A execução pública, por rápida e cotidiana que seja, se insere em toda a série dos grandes rituais do poder eclipsado e restaurado do crime que desprezou o soberano.¹³

A condição contemporânea de vigilância permitiu que os limites do panóptismo propostos por Foucault, constituíssem uma questão de pretérito. Devido à disponibilidade das redes digitais, a vigilância opera com ajuda de redes globais

¹¹ MIGUEL, Joao. **Mídia, política e mercado na sociedade moçambicana**: o setor televisivo aberto. Tese de Doutorado em ciências da Comunicação. Universidade do Vale Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

¹² BRITO, Luís de. **A Frelimo, o Marxismo e a Construção do Estado Nacional 1962-1983**. Maputo: IESE, 2019.

¹³ FOUCAULT, Michel. *Op. cit.*

descentralizadas e que podem, em princípio, ser exercidas por muitos atores com acesso a tais redes. Não há um único ponto geográfico de acesso à informação, ela pode ser acessada de qualquer lugar. Da mesma forma, não há uma única base de dados eletrônica para vigilância, mas muitas dispersas que podem ser usadas em conjunto por atores poderosos.¹⁴

Fazendo menção ao Gilles Deleuze, Haggerty e Ericson sustentam que essa tendência da modernidade, permite-nos falar de vigilância como uma assembleia, que consiste em uma multiplicidade de objetos heterogêneos, cuja unidade vem apenas do fato de que esses itens funcionam juntos como uma entidade de vigilância direcionado para o corpo humano.¹⁵ Estas assembleias permitem que alusões ao escrutínio do Big Brother estejam-se movendo em direção a uma sociedade de “pequenos irmãos”.¹⁶

Sobre a engrenagem tecnológica, o soberano desconhecido demonstra possuir dados e informações das suas vítimas. Em alguns casos como o de Salema, vitimado em 2018, a entidade desconhecida realizou uma série de chamadas telefônicas para o seu número particular e para os seus próximos, na perspectiva de o informar o castigo depois das suas abordagens na televisão.

As câmeras de vigilância, a internet e as redes sociais permitem que o soberano desconhecido como um corpo difuso, vigie os seus alvos sem necessariamente tê-los cativo. Os cenários em que ocorreram os sequestros dos analistas sem nenhum registro das câmeras de vigilância no centro da Cidade de Maputo (Símbolo das novas tecnologias de segurança em Moçambique), denunciam que o poder de vigilância do soberano desconhecido é além da televisão.

Até este ponto, a ideia sugerida por Webster et al., segundo a qual a vigilância tornou-se uma parte normal da vida cotidiana e está entrincheirada no tecido social da vida¹⁷, encapsulava a maioria moçambicana, de tal forma que, diversas individualidades refugiam-se no anonimato para exprimirem as suas opiniões sociopolíticas nas redes televisivas e em pseudônimos, para as redes sociais. Este

¹⁴ FUCHS, C. **How can surveillance be defined?** *MATRIZes* 5(1), 2011, pp. 109-133.

¹⁵ HAGGERTY, Kevin; ERICSON, Richard. *Op. cit.*

¹⁶ LACE, Susanne. The new personal information agenda. In: _____ (ed.). **The glass consumer**. Birstol: Policy Press, 2005, pp. 207-245.

¹⁷ WEBSTER, C. *et al.* **Social Perspective of Surveillance and democracy**. Project: Increasing Resilience in Surveillance Societies (IRSS), 2014.

fenômeno, veio a indicar que o tipo de fiscalização operacional foi entendido como além dos analistas mas de toda a sociedade.

Tal como Jurgenson argumentou fazendo alusão ao Bauman, as pessoas são rastreadas cada vez mais através de novas tecnologias, pois os dados se acumulam para níveis sem precedentes, a vigilância escorrega em um estado líquido. A vigilância tornou-se menos ligada à observação espacial, e como tal, também se tornou pós-panóptico.¹⁸

Num cenário em que todos possuem meios de vigiar, o soberano desconhecido desassemelha-se dos vários atores apresentando um poder que seria de uso exclusivo do Estado. Demonstra possuir armas de fogo empunhados por seus homens de abordagem polícia-militar que agem no centro da cidade em prosa, sequestrando ou punindo as suas vítimas de forma invisível aos demais meios de vigilância e segurança Estatal. Neste meato, como iremos apresentar mais abaixo, a inoperância das autoridades e as clivagens sociopolíticas e partidárias geram narrativas que o tornam invisível e incapturável.

2. A televisão: antecedente de vigilância e punição dos analistas?

A televisão pode ser descrita como um sistema de comunicação cujas informações são transmitidas de um emissor para vários receptores.¹⁹ A televisão é, na sua essência, um meio de comunicação audiovisual.²⁰ No presente estudo, é discutida como uma instituição, uma realização, um fenômeno sociocultural e com representação e forma. Onde o aparelho já não serve unicamente para se assistir a uma emissão determinada por um emissor.²¹ Mas como um elemento preponderante entre os *mass media*, cumprindo várias funções comuns a outros meios de comunicação: informar, formar, entreter modelando o conhecimento, integração de novos referentes sobre o mundo, as coisas e as pessoas.²²

A televisão coloca-se na posição de domínio total do mercado de informações, modificando a relação com seu público, assim como a maneira de produzir seus

¹⁸ JURGENSON, Nathan. **Review of Bauman and Lyon's Liquid Surveillance**: A Conversation. *Surveillance & Society* 11(1/2), 2013, pp. 204-207.

¹⁹ DENICOLI, Sergio. **TV Digital**: Sistema, Conceitos e Tecnologias. São Bartolomeu: Graçio Editor, 2011.

²⁰ SOUSA, Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. 2ª ed. Porto, 2006.

²¹ FREIRE FILHO, João. **História da Televisão**: Teoria e Prática. Trabalho apresentado ao NP 07 - Comunicação Audiovisual, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa do Intercom, 2004.

²² *Ibidem*.

programas.²³ Promove essa homogeneização através da sedução da linguagem audiovisual, atraindo os telespectadores pela musicalidade das palavras e pelo encantamento das imagens, transformando a visão do mundo de quem a observa.²⁴

Desta forma, a televisão expõe a um grande perigo as diferentes esferas da produção cultural, arte, literatura, ciência, filosofia, direito entre outros, na medida em que todos os campos estão sujeitos aos limites estruturais do campo jornalístico, e não deste ou aquele jornalista, deste ou daquele director de emissora, mas eles próprios são vencidos pelas forças do campo uma vez que a televisão é um instrumento que teoricamente, possibilita atingir todo mundo. Nesse sentido, a vigilância torna-se um operador económico decisivo, na medida em que é ao mesmo tempo uma peça interna no aparelho de produção e uma engrenagem específica do poder disciplinar.²⁵

As propriedades do campo televisivo atraem para dentro de si, propriedades dos outros campos, as lutas, propriedades principais de todos os campos, são deslocadas para o campo televisivo, as campanhas políticas, protestos, debates académicos etc., passam a ser mais vistos na televisão. Como tal, pode constituir base de antecedente de vigilância, rapto e punição dos analistas por outros atores que disputam a mesma arena ou pelos que se incomodam com a expressão de quem está na tela.

A televisão em particular, inibe formas mais complexas de discurso político que podem levar a uma crítica mais significativa do status quo. A media de notícias tende a interpretar histórias em termos de eventos dramáticos distintos no presente imediato - uma qualidade conhecida como orientação de eventos - em vez de examinar situações de longo prazo.²⁶

O que constitui a célula base de outros campos, pela concorrência televisiva do campo jornalístico, passa a ser despido da sua originalidade, os debates políticos e análises dos comentadores que de certa forma representam o fundamento das teorias

²³ BAUER, Carlos. **Sobre a Televisão**: reflexões históricas. *In*: Cenários da comunicação. UNINOVE. São Paulo, v. 1, n. 1, 2002, pp. 27-41.

²⁴ ZOVIN, Cristiane de R. **A força da televisão na construção do imaginário**: o papel cultural das máquinas de imagens na vida das pessoas. Brasília: Revista F@ro Nº 7 Estudos. 2007.

²⁵ BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**: Seguido de A influência do Jornalismo e os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

²⁶ DOYLE, Aaron. **Revisiting the synopticon**: Reconsidering Mathiesen's 'The Viewer Society' in the age of Web 2.0. *Theoretical Criminology* 15(3), 2011, pp. 283-299.

do seu campo do saber, sofrem dramatizações e especulações que podem atrair violência para quem está em observação.

Como uma instituição sinóptica, a televisão permite que um número grande de indivíduos seja capaz de se concentrar em algo em comum.²⁷ No domínio pós-panóptico, a televisão mostra-se como um dos melhores modelos de vigilância na sociedade do consumidor, onde, por exemplo, os consumidores assistem os poucos gatekeepers culturais, jornais e celebridades.²⁸ Nestas condições, o soberano desconhecido não persegue mais as suas vítimas, mas encontra seus voluntários que participam desta.

Num entrecho de tensões político-ideológicas as emissoras que apresentam programas de análise sociopolítico, constituem campos de tensões exercidas pelos apresentadores de perfis diversos e pelos analistas convidados a preferência de cada emissora. Por conseguinte, os programas tornem-se campos de maior vigilância, de quem tenta mudar de direção ou resistir as novas formas de desenvolvimento, observando-se a temática do dia, o perfil dos analistas e o perfil do moderador.

Sobre este raciocínio, verifica-se um crescimento exponencial dos telespectadores moçambicanos que se interessam pelos programas de debate político- social. Os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), demonstram que apesar de uma queda significativa no horário de transmissão dos programas noticiosos e análise sociopolítica nas televisões privadas em 2015, denota-se uma considerável progressão nos horários de transmissão dos programas nos anos seguintes.²⁹

3. Paisagem televisiva em Moçambique e o sistema em que opera

Até 2010, o campo televisivo em Moçambique apresentava um total de nove emissoras com sinal aberto: duas públicas e seis privadas. No primeiro grupo, encontram-se: a 1) Televisão de Moçambique (TVM) Fundada em Fevereiro de 1981 e 2) a Rádio e Transmissão de Portugal para África (RTP-África), de origem portuguesa.³⁰

Dentre as emissoras privadas, encontramos: 1) a STV, pertencente à Sociedade Independente de Comunicação (SOICO), de empresários moçambicanos e fundada em

²⁷ HAGGERTY, Kevin; ERICSON, Richard. *Op. cit.*

²⁸ JURGENSON, Nathan. *Op. cit.*

²⁹ INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Anuário Estatístico**. Maputo: INE, 2018.

³⁰ CHICHAVA, S; POHLMANN, J. *Op. cit.*

2002; 2) A Televisão Independente de Moçambique (TIM), criada em 2006 por empresários moçambicanos; 3) TV Miramar, propriedade da Igreja Universal do Reino de Deus; 4) a SIRT-TV, criada em 2002 e com sede na cidade de Tete, a única com sede fora da capital; 5) a KTV, descendente da antiga Rádio e Televisão Klint (RTK), a primeira estação televisiva privada criada em Moçambique; e 6) a TV Maná, propriedade da Associação Maná Igreja Cristã.³¹

Com desenrolar do tempo, mais seis emissoras operando em sinal aberto, surgiram no campo televisivo moçambicano, uma pública e oito privadas. No primeiro caso, encontramos: 1) a TVM2 que despontou da necessidade de se descentralizar a primeira TVM como forma de dar espaço a vasta programação que desafiava os horários da primeira emissora em Março de 2012. No segundo caso topamos: 1) a CTV, canal experimental virada a música e cinema; 2) a TV Sucesso fundada em 2016, do empresário e antigo apresentador da TVM, Gabriel Júnior; 3) Eco TV, pertencente aos empresários moçambicanos; 4) Gungu TV, de empresário Gilberto Mendes, criada na necessidade de se ter uma televisão da Companhia Teatral Gungu; e 5) a Top TV.

Depois do comunicado da imprensa do Instituto Nacional das Comunicações de Moçambique em Setembro de 2021, o cenário da televisão registrou mudanças paradigmáticas. A transmissão analógica foi oficialmente substituída pela transmissão digital, ou seja, a possibilidade de se assistir a uma determinada emissora através de um sinal aberto tinha se tornado uma questão do pretérito.

Contudo, este paradigma não transforma a postura das emissoras que operam em Moçambique, mais sim, satisfaz padrões internacionais de transmissão. Apesar terem as suas origens no período multipartidário, diferente do antigo cenário, marcado pelo controlo do Partido, pela censura e autocensura, a imprensa era vista pelos líderes da Frelimo como um importante instrumento para transmitir as ideias do novo regime, desencorajar ou controlar sectores hostis ou considerados como tal, e consolidar a unidade nacional.³² As televisões pós-monopartidarismo, operam num contexto com tendências do "*sistema pluralista polarizado*".³³

³¹ Ibidem.

³² CHICHAVA, S; POHLMANN, J. *Op. cit.*

³³ NHANALE, Ernesto. **O Jornalismo e a democracia em Moçambique**: A cobertura dos casos de corrupção nos jornais Domingo e Savana. Tese de doutoramento. Barcelona: Universidade autônoma de Barcelona, 2017.

Neste sistema, Hadland em referência ao Mamdani, denota que a media é caracterizada por um forte paralelismo político, produtos mediáticos com proprietários, audiências que frequentemente reflectem características clientelistas, uma ligação direta entre os jornalistas e os políticos ou homens de negócios com fortes afiliações políticas. O profissionalismo jornalístico é geralmente baixo e é afetado por falta de recursos, sistemas de educação pobres e fracas organizações jornalísticas.³⁴

A regulação da media e o controlo nestes sistemas é feito através de conselhos, tribunais, ou estruturas governamentais. Os jornalistas são sujeitos a uma cadeia de legislativos, reguladores, políticos, e restrições socioculturais, os jornalistas são sempre presos ou de alguma forma vitimados e a intercessão do Estado é perversa e diversa.³⁵

Entretanto, apesar das televisões operarem neste ambiente, são cada vez mais comuns debates televisivos sobre os temas mais polémicos da vida política, mas ainda se pode considerar que os meios de comunicação social públicos continuam mergulhados em práticas de autocensura (especialmente a televisão pública, a Televisão de Moçambique, TVM).³⁶

A dependência económica das televisões diante de uma elite política e económica, determina o tipo de informação do consumo público, um jornalismo de medo, com tendências de ventre em que algumas temáticas podem constituir debates com certa dramatização e banalização, e alguns casos como os grupos extremistas em Cabo Delegado, apresentam baixos níveis de reportagens e debates.

As televisões que apresentam uma tendência diferente do *establishment* através de determinados programas, encontram a fúria do soberano desconhecido descarregado aos jornalistas e analistas, o que de certa forma limita a liberdade de expressão na media e na sociedade.

4. Onde vigiar para limitar a liberdade de expressão?

A televisão é progressivamente substituída pelas novas tecnologias de informação e comunicação ligadas à internet. O público da televisão em massa está fragmentando-se com a ascensão dos novos mecanismos de comunicação social, e como

³⁴ HADLAND, Adrian. Africanizing Three Models of Media and Politics: The South African Experience. *In*: HALLIN, Daniel C.; MANCINI, Paolo (eds). **Comparing Media Systems beyond the Western World**. Cambridge University Press, 2012, pp. 96-118.

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ OSISA, *Op. cit.*

resultado, o mundo da vigilância, que vinha se intensificando, também está tornando-se mais disperso.³⁷ No entanto, ressalva-se que os processos de vigilância ocorrem de forma diferente em diferentes contextos culturais.³⁸

Nos Estados menos desenvolvidos, onde a rádio e a televisão constituem instrumentos que abrigam grande parte da população, a televisão desempenha o papel central na vigilância. Apresenta-se como um campo de poder entre os *mass media*, uma plataforma onipresente em cada lar o qual o campo político necessita para fazer suas lutas, um campo de tensões e conflitos relacionados com as dinâmicas de transformação e transição político-social. É na essência um campo de risco, que em alguns casos apresenta um soberano desconhecido como campeão da arena, resistindo as novas estruturas trazidas pelo desenvolvimento do aparelho.

Em Moçambique, depois da rádio, a televisão ocupa o segundo lugar e pela sua capacidade de entrelaçar as palavras e imagens, denota-se como uma instituição de maior influência. Por outro lado, considerando que apenas 18% da população possui à internet, a televisão continua sendo o meio mais confiável para o acesso à informação, pois, de forma recorrente, os usuários buscam informação na internet, mas dão credibilidade após a sua certificação em um meio tradicional – canal de televisão.³⁹

A internet que constituiria o meio de maior vigilância enferma de grandes desafios contextuais que a atribuem menor ênfase comparativamente à televisão. Marisa, Uate e Perreira, observam que parte considerável dos cidadãos que utilizam computadores e tem acesso à internet, têm-no através dos operadores privados. Os preços de acesso à internet e utilização do telefone ainda são exorbitantes para uma população rural que vive com menos de USD 1 por dia, tornando assim um desafio importante a expansão da rede informática pública. Em compensação, as elevadas taxas do analfabetismo, aguçam a condição dos meios acoplados à internet frente à televisão.⁴⁰

Como um corpo difuso, o soberano desconhecido prestaria atenção a todos os meios de vigilância disponíveis, câmeras de vigilância, redes sociais entre outros.

³⁷ DOYLE, A. *Op. cit.*

³⁸ LYON, D. **Globalizing Surveillance: Comparative and Sociological Perspectives.** *International Sociology* 19(2), 2004, pp. 135–49.

³⁹ TSANDZANA, D. **Juventude urbana e redes sociais em Moçambique:** A participação política dos conectados desamparados. *Comunicação e Sociedade*, 34, 2018, pp. 235-250.

⁴⁰ MARISA, Stela; UATE, Raul; PERREIRA, Milton. **A Governação eletrónica e o acesso à informação em Moçambique.** Maputo: Associação Centro de Direitos Humanos, 2014.

Entretanto, tendo em conta o número do público envolvido nestes meios, e como os analistas são punidos, existem fortes indicações de uma certa racionalidade do soberano desconhecido assente na maximização do tempo, segundo a qual, vigiar com maior intensidade os programas das televisões que atraem o maior número dos telespectadores, em detrimento das publicações nas redes sociais e jornais pouco explorados em Moçambique, é mais prático.

Tal como Orwell se referiu no 1984, existem classes sociais que pela sua condição não oferecem perigo ao sistema do soberano e por esta razão, não são vigiadas constantemente.⁴¹ Este raciocínio é aplicável para as redes sociais dos particulares, jornais e para as televisões. Tanto que na perspectiva do Lyon, o exercício de vigilância tem a ver com o controle racionalizado das informações dentro das organizações modernas.⁴²

O facto social induz a percepção de que a engenharia do soberano desconhecido, distribuiria metodologicamente mais créditos económicos de vigilância aos programas de televisões que apresentam debatedores de características “falsamente verdadeiros”, onde na perspectiva Bourdieu, sublinha-se a responsabilidade do apresentador que sempre impressiona os espectadores, faz intervenções restritivas, impõe o assunto e a problemática.⁴³

Como árbitro do acesso à existência social e político, o apresentador impõe pela regra do jogo a palavra, distribui os sinais de importância os quais influenciam a linha de análise dos analistas, convidando de alguma forma a atenção do soberano desconhecido a sua emissora, uma vez que dizemos tanto pelos olhares, pelos silêncios, pelos gestos, pelas mímicas, pelos movimentos dos olhos.⁴⁴

O soberano desconhecido dirigiria pouca atenção aos debatedores verdadeiramente falsos⁴⁵ assim como aos programas dos apresentadores sensacionalistas para elevar o índice da audiência, desta forma, prestando maior atenção naquelas emissoras que o jornalista além de arbitrar os assuntos dos outros

⁴¹ ORWELL, George. 1984. São Paulo: IBEP, 2003.

⁴² LYON, D. *Op. cit.*

⁴³ BOURDIEU, P. *Op. cit.*

⁴⁴ *Ibidem.*

⁴⁵ Debatedores verdadeiramente falsos, constituem aquelas analistas geralmente amigos que oferecem a mesma opinião. Ver mais em: BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**: Seguido de A influência do Jornalismo e os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

campos o faz com propriedade e controla os ânimos dos seus convidados. Nesta senda, os programas de linhagem crítica e técnica chamariam maior atenção.

Em termos de cobertura política, as emissoras em análise transmitem boletins políticos diários. Entretanto, o perfil do programa de cada emissora, o perfil dos analistas, o debate e o perfil do moderador, determinariam a intensidade de atenção dos telespectadores e do soberano desconhecido a cada uma delas.

A TV Miramar foi a primeira emissora privada com o sinal aberto a operar em Moçambique antes das demais em estudo. No entanto, a prática dos debates sociopolíticos foi um elemento tardio na emissora. Tal como a Rede Record, a Televisão Miramar reserva boa parte da sua programação para assuntos religiosos da IURD, entidade cuja contribuições dos seus fiéis possibilita a sobrevivência e o crescimento da emissora.⁴⁶ A TV Miramar na sua parceria com a Record acaba reproduzindo integralmente muitas informações brasileiras sem muita importância imediata para os moçambicanos.⁴⁷

Por outro lado, a STV conhecida como canal de jornalismo, veio apresentar logo a sua existência uma tradição de debates político-sociais, através dos seus programas Debate da Nação e Pontos de Vista, o que a permitiu que fosse vista como a televisão com perspectivas diferentes do habitual, garantindo-a assim, a preferência e audiência.

A TV Sucesso e a Gungu TV, são emissoras que surgem num contexto de forte uso das redes sociais nas principais capitais do país, o que as permitiu um rápido ingresso no mercado, entretanto, apesar destas emissoras terem começado com o sinal aberto, imigraram para um sinal fechado, o que de certa forma acarretava a visibilidade dos programas destas emissoras, uma vez que as televisões mais consolidadas na praça atuavam em linha aberta. Em consequência, a TV Sucesso voltou a operar em sinal aberto e mais tarde fechado.

O início da Gungu TV, determinou a sua postura na sociedade e o seu nível de audiência relativa aos debates e análises políticas. Virada mais para o teatro, a emissora não ostenta o mesmo grau de popularidade a quando trata-se dos debates sociopolíticos. Por conseguinte, a TV Sucesso apresenta uma postura ramificada, caracterizada pelas componentes existentes na TV Miramar e na STV, permitindo-a que

⁴⁶ MIGUEL, J. *Op. cit.*

⁴⁷ BRITTOS, V. C.; MIGUEL, J. **Comunicação e mercado**: a lógica televisiva moçambicana. *In*: Economia e Políticas da Comunicação. Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO. Vol III, 2005.

seja uma alternativa de informação e debate para os telespectadores que apreciam as modalidades da TV Miramar e a STV.

A TV Miramar através do Resenha Semanal apresentado às 20h:00 de todos os domingos como um programa informativo sobre temas da actualidade nacional e internacional, chama atenção pelo tipo do perfil de analistas que constituem o seu painel, frequentemente políticos que até ao certo ponto apresentam um poder carismático na sociedade, o que alarga o grau da popularidade do programa pelo "tipo de expressão"⁴⁸ e pelos comentários geralmente políticos. Em determinadas situações, os tópicos do debate sofrem mudanças induzidas pelos comentadores que em certa medida ofuscam a pessoa do moderador do debate.

Contrariamente, a STV apresenta às 21h:30 dos domingos o resumo da semana política, económica e social de Moçambique através dos Pontos de Vista. O programa é uma referência sobre os debates políticos e governação no país, caracterizado pela fundamentação técnica que atrai muita atenção da sociedade, maioritariamente académicos e jornalistas. O programa tende a colocar em debate, temáticas de governação pouco exploradas noutras emissoras. Chama para o seu painel analistas que veiculam ideias diferentes do discurso oficial, a natureza do apresentador residente aleita o debate e pressiona a mais comentários dos analistas.

O tipo de programa da Gungu TV (Gungu Debate) apresenta características similares à Resenha Semanal da TV Miramar, apesar de trazer comentadores de outros ramos da sociedade, o perfil preferencial dos analistas, são políticos que discutem temáticas apresentadas frequentemente pelo proprietário da televisão. Apresentado aos sábados pelas 20h:00, os analistas e o moderador em alguns casos movem o debate fora da temática para outras questões pouco relacionadas.

Um elemento não menos importante, reside no factor dia e hora de transmissão dos programas, que de certa forma determinam os níveis de audiência e consequentemente atenção de quem puniria os analistas. A TV Miramar, assim como a STV, apresenta os seus programas nos dias em que as famílias estão concentradas nas suas residências e regista-se baixa programação televisiva. Em contrapartida, a hora de transmissão destes programas, permite que eles sejam vistos em sequência.

⁴⁸ Linguagem de fácil compressão, expressões cômicas e uso de línguas locais.

A TV sucesso apresenta o seu programa no dia laboral (terça-feira, às 21:40) o que contribui para que mesmo tendo as duas partes dos programas já citados não apresente grande visibilidade do público comparado aos supracitados. A Gungu TV, apresenta o seu programa aos sábados (20:00h), regra geral, um dia excelente para a visibilidade do programa, entretanto, apesar de ser um dia não útil, várias programações são transmitidas noutras emissoras, o que é agravado pela baixa qualidade de transmissão audiovisual para além de ser transmitido em sinal fechado.

Todos os programas atraem de algum modo a atenção do soberano desconhecido, afinal como uma figura que tenta controlar a expressão nos meios de comunicação, é sempre racional se preocupar com o que lá se trata, entretanto olhando para a linha editorial tradicionalmente crítica, levanta-se fortes percepções de que os Pontos de Vistas da STV atrairiam maior a atenção do soberano desconhecido, não apenas pelo número dos analistas agredidos que participam neste, mas igualmente pelo tipo de capital que a televisão e o programa ostentam na sociedade moçambicana. O dia e hora de transmissão atraem maior visibilidade do público, as temáticas, o posicionamento analítico dos comentadores e do moderador modificam o argumento oficial da crítica por um argumento técnico-radical.

Em termos de debate político, a STV lidera entre as emissoras públicas ou privadas.⁴⁹ O relatório final da pesquisa encomendada pelo Grupo Soico, indica que a STV despontou como a televisão preferida pelos moçambicanos nas categorias de notícias e debates político-sociais. 44, 5% dos inquiridos assistem regularmente aos debates da STV contra 18% da TVM e 6,2% da TV Miramar.⁵⁰

5. Matando a liberdade de expressão distribuído punição

O castigo é uma maneira de tentar mudar de direcção ou resistir as novas formas de mudança e desenvolvimento. É na óptica de Michel Foucault, uma forma de buscar uma vingança pessoal e pública, pois na lei a força físico-político do soberano está de certo modo presente.⁵¹ Na concepção imperial do soberano desconhecido, os analistas

⁴⁹ OSISA, *Op. cit.*

⁵⁰ MUATIACALE, S. A. A. L. **Estratégias discursivas dos telejornais de Moçambique**: análise crítica do jornal nacional e do jornal da noite. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

⁵¹ FOUCAULT, Michel. *Op. cit.*

são punidos como negação ao confronto de ideias das diversas correntes nos meios de comunicação.

Neste meato, destaca-se o caso de José Macuane, Professor universitário e um dos comentadores mais conhecidos de Moçambique agredido pela entidade desconhecida. Segundo VOA, as consequências desta punição estariam ligadas à análises que Macuane teceu, entre outros assuntos, as perspectivas do diálogo político, a crise da dívida pública e a manifestação pública que foi proibida pelas autoridades municipais da Cidade de Maputo.⁵²

Depois da agressão de José Jaime Macuane, foi a vez de Ericino de Salema, segundo comentador do programa Pontos de Vista da STV. Salema foi raptado e agredido pelo soberano desconhecido depois deste e os seus próximos receberem chamadas telefônicas que informavam sobre o castigo que o esperava.

Como no primeiro caso, a percepção geral em torno da agressão de Ericino de Salema, sugere que fora resultante dos seus comentários a volta de questões sociopolíticas. Para o moderador do programa Pontos de Vista, Jeremias Langa, o caso de agressão contra Salema veio confirmar que a violência não era uma coisa ocasional que acontecera ao Macuane, mas um caso intencional, que alguém agiu no sentido de intimidar Salema.⁵³

As modalidades de abordagem dos homens do soberano desconhecido aos analistas são semelhantes em ambos os casos. Apresentam-se sem capuz empunhando armas de fogo de uso exclusivo policial e militar. Estes dados prenunciam que o soberano, tal como os soldados de menção Foucaultiniana, investe em soldados de um corpo que entraram numa maquinaria de poder, que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina.⁵⁴

O tipo da mensagem dos homens do soberano desconhecido as suas vítimas (deixar coxo – para Macuane; queremos ti educar – para Salema) evidência um comando que dita a espécie de punição a ser distribuída pelos erros de expressão dos analistas. O uso da força e a mecânica comunicativa e consultiva dos soldados ao

⁵² VOA. **Comentarista moçambicano agredido violentamente em Maputo**, 2016. Disponível em: <<https://www.voaportugues.com/a/comentaristamocambianoagredidomaputomacuane/3341858.html>>. Acesso em 13/05/2019.

⁵³ MATIAS, L. **Moçambique**: Jornalista Ericino de Salema raptado e encontrado gravemente ferido. DW, 2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt/002/mo%C3%A7ambique-jornalista-ericino-de-salema-raptadoe-encontrado-gravemente-ferido/a-43156583>>. Acesso em 13/05/2019.

⁵⁴ FOUCAULT, Michel. *Op. cit.*

soberano após capturar as suas vítimas, atesta o envolvimento de uma entidade que ordena e orienta a violência contra os analistas recorrendo à comunicação telefônica.

Os soldados do soberano desconhecido asseveram possuir informações privilegiadas sobre suas vítimas e do funcionamento das câmeras de vigilância pública, que os permite ações ousadas, como contactar as suas vítimas e abordá-los sem nenhum registro dos sistemas de vigilância que cercam a Cidade de Maputo.

Punindo estes analistas, o soberano desconhecido tende a sepultar a vontade expressiva e contribuir para mudar de direcção ou resistir as novas formas de mudança e desenvolvimento. Para garantir essa façanha, demonstra investir numa metodologia baseada em cinco regras expressas em Foucault.⁵⁵

1. *Regra da quantidade mínima:* que destaca que se um crime é cometido porque traz vantagem então a ideia de uma desvantagem um pouco maior, deixaria de ser desejável;

2. *Regra da idealidade suficiente:* Se o motivo de um crime é a vantagem que se representa com ele, a punição não precisa, portanto, utilizar o corpo, mas a representação;

3. *Regra dos efeitos laterais:* A pena deve ter efeitos mais intensos naqueles que não cometeram a falta, para convencer os outros de que ele fora punido;

4. *Regra da certeza perfeita:* É preciso que, à ideia de cada crime e das vantagens que se esperam dele, esteja associada a ideia de um determinado castigo;

5. *Regra da especificação ideal:* A nocividade de um delito e seu valor de indução não são os mesmos, de acordo com o status do infractor.

O soberano desconhecido pune fisicamente alguns analistas como forma de anunciar aos demais, a desvantagem por de traz da expressão. Como resultado desta engenharia, a qualidade dos debates nas televisões e na sociedade, registra um declínio significativo. A sociedade é educada através da agressão dos analistas que a liberdade de expressão está associada a ideia de um determinado castigo.

O soberano desconhecido expande o seu domínio instituindo um modelo de expressão social que aparentemente não questiona o sistema de coisas do seu agrado. Investe-se de modelos descritos por Orwell para manter a sua hegemonia. Tal como o Big Brother, figura que incorpora o soberano na Oceana, a entidade desconhecida

⁵⁵ FOUCAULT, Michel. *Op. cit.*

institui gradualmente a *Novafala*, que consiste em restringir os limites do pensamento, e a redução a um mínimo de estoque de palavras disponíveis como uma forma indireta de dominar o pensamento e mudar intenções desviantes.⁵⁶

Como resultado, o perfil dos analistas nas televisões moçambicanas, tende a mudar para se adequar ao novo paradigma. Os programas com o preferencial acadêmico e jornalístico, demonstram uma nova tendência ao incluir figuras políticas que aparentemente atraem menor atenção do soberano, e conseqüentemente menor número de telespectadores familiarizados aos debates mais técnicos.

As emissoras optam aparentemente guiadas pela pusilanimidade ou por motivos de segurança na troca dos discursos técnicos por políticos. A STV, canal que teve a maior parte dos analistas se não todos punidos, mudou o perfil dos comentadores dos Pontos de Vista, depois da agressão dos seus comentadores. Esta mudança foi notória ao ponto de levantar debates nas redes sociais. Dentre vários argumentos e críticas, os telespectadores insatisfeitos com o cenário, julgaram a mudança como "pontos de vista dos deputados; pontos de vista das bancadas da assembleia, entre outros.

No que tange as formas de punição dos comentadores, a tabela cambial de expressão-punição do soberano desconhecido, sugere a existência de um certo tipo de punição para cada caso, como se argumenta na regra cinco de Foucault, a nocividade de um delito e seu valor de indução não são os mesmos, de acordo com o status do infractor.⁵⁷ O tipo de discurso e o capital do analista determinariam a espécie de punição a ser distribuída pelo soberano desconhecido, partindo da morte, sequestros, agressões e ameaças.

Enquanto alguns analistas são punidos fisicamente como um instrumento informativo do custo de expressão, os demais recebem chamadas telefônicas de ameaças que recomendam a mudança de postura comunicativa. Por outro lado, grande parte é punida psicologicamente, ao prestar atenção nas modalidades da violência empregue pelo soberano desconhecido no corpo dos analistas. Neste sentido, toda sociedade acaba punida, independentemente da modalidade da violência aplicada.

⁵⁶ ORWELL, George. *Op. cit.*

⁵⁷ FOUCAULT, Michel. *Op. cit.*

6. Além de desconhecido é incapturável e ameaça à legitimidade do Estado

- *A Inoperância dos Serviços de Segurança*

As dificuldades do Estado e dos governos em tornar o soberano desconhecido tangível-visível e as falhas destes no garante à justiça, segurança e bem estar, gera narrativas e acusações que desviam a atenção da figura do soberano desconhecido e o tornam incapturável. Várias questões relacionadas à proveniência da economia de punir do soberano desconhecido limitam a liberdade de expressão na televisão e na sociedade.

Apesar de crescente desenvolvimento de segurança e controlo nas vias públicas, os analistas punidos, ao menos fisicamente, foram capturados a luz do dia no centro da cidade, onde regista-se maior número de tecnologias de vigilância, entretanto, nenhuma destas registrou os sequestros. Esta situação desafia a capacidade de resposta das autoridades, e a falta de solução dos casos gera um certo clima de impunidade.

No enigma dos autores materiais e morais que punem os analistas, duas abordagens a respeito das características dos agressores dominam na sociedade. Nesta segmentação, as duas abordagens são influenciadas por quatro actores: (I) as autoridades governamentais; (II) Partidos Políticos da oposição; (III) Organizações da Sociedade Civil e (IV) uma pequena parte da media escrita.

Enquanto as interpretações das autoridades abrem maior espaço para narrativas e especulações dos autores dos raptos e torturas, ao exemplo de intensões de assaltos protagonizados por gangues, colegas de trabalho, estudantes, "esposos das suas amantes," entre outros. O resto dos actores, direccionam as interpretações dos agressores numa única perspectiva, "esquadrões da morte".

Apesar de não ter ligações com um programa televisivo, o assassinato de Anastácio Matavele, Director Executivo do Fórum das ONGs (FONGA), na província de Gaza por quatro agentes especiais da Polícia da República de Moçambique nas vésperas das eleições de 2019, elevou o tom da abordagem dos "esquadrões da morte".

O patenteamento de alguns agentes envolvidos na morte de Matevele antes das suas prisões, e um advogado pago pelo Estado pós-detensões, despoletou a crença de que alguns membros da polícia, seriam os ditos "esquadrões da morte", impunes e que perpetuam todas as agressões relacionadas aos analistas.

Esta perspectiva questiona a legitimidade do Estado, na medida em que enquanto as autoridades não distorçam e fazem conhecer definitivamente os autores materiais e o soberano desconhecido que ordena a punição dos analistas, a sociedade continua desconfiando do Estado e dos seus agentes, grande parte, prejudicados por aqueles da conduta do assassinato de Matavele.

- *Uma Relação Intolerante Característica da Idade Média*

A relação estabelecida entre alguns membros do Governo/Estado e analistas de algumas Organizações da Sociedade Civil, torna o soberano desconhecido ainda mais incapturável. Tem-se a impressão de uma relação intolerante, característica da Idade Média, onde a igreja envolvia-se em constantes confrontos com os cientistas que advogavam questões relevantes à sociedade a partir de hipóteses e observações dessemelhantes daquilo que a igreja via como imutável. Esta postura dos líderes religiosos da Idade Média, é importável para o contexto moçambicano, principalmente quando observa-se a postura de alguns oficiais do Governo/Estado para com os analistas.

Nota-se que alguns oficiais do Governo/Estado, olham para os cientistas sociais/analistas como “apóstolos da desgraça”, que devessem ter e as suas opiniões limitadas ou excluídas dos debates televisivos, principalmente da televisão pública. Por outro lado, uma parte da sociedade, entende que a televisão pública está ao serviço exclusivo do governo, e se um analista de linhagem crítica inexplicavelmente participa de um debate na estação, significa a sua cooptação.

Com a inserção das redes sociais, este modo de interpretação, é facilmente observável no tecido social, grupos de personalidades recorrem a estas plataformas para criticar e mostrar preocupação referente a presença de alguns analistas considerados críticos na televisão pública.

Este posicionamento da sociedade em relação aos analistas, demonstra a existência de um clima de constante confronto entre alguns oficiais do Governo/Estado e analistas de algumas Organizações de sociedade civil. O soberano punidor dos analistas, serve-se desta relação conflituosa e torna-se ainda mais desconhecido.

A guerra constante, como Orwell fez menção na Oceana, serve para garantir a hegemonia da minoria.⁵⁸ O soberano desconhecido importa esta lógica para ampliar

⁵⁸ Ibidem.

a sua hegemonia, as guerras existentes nas televisões e nas redes sociais garantem narrativas que o tornam desconhecido e incapturável enquanto governa a liberdade de expressão.

A cultura estabelecida de intolerância das ideias diversas nos debates televisivos por alguns oficiais do Governo/Estado, coloca a cultura de debate abaixo da escala daquilo que seria chamado um Estado de direito democrático. Nota-se recusa de ruptura da trajetória histórica por parte de alguns oficiais do Governo/Estado, na medida que apresentam relutância de aceitar o papel dos analistas ou das Organizações da Sociedade Civil como agentes de desenvolvimento ou de pressão nos meios de comunicação pública.

7. Considerações finais

A presente pesquisa comprometia-se em estudar os efeitos de vigilância e agressão dos analistas na sociedade após a sua participação nas redes televisivas. Nesta senda, ela sugeria a existência de uma entidade desconhecida que surgiu através dos processos de transição político-social recusando ideias das diversas correntes de opiniões nos meios de comunicação pública.

Partindo de uma analogia de inserção da media privada, concluímos que existe uma entidade difusa em Moçambique, que surgiu através das dinâmicas de transformação e transição político-social e pune os jornalistas, analistas e consequentemente a toda sociedade.

Ostentando uma personalidade de soberano desconhecido, a entidade desponta como um poder regulador, que presta atenção aos instrumentos de comunicação social e estabelece uma certa hierarquia de atenção como forma de controlar o que é dito, e consequentemente disciplinar os que deseja como um mecanismo de mudança de direcção ou resistência as novas modalidades do desenvolvimento mapeados pela nova Constituição da República.

Constatamos que o soberano desconhecido estabelece uma tabela cambial de punição para cada entidade de acordo com o seu capital social. Quanto mais estimado o capital, maior será a punição. Da mesma forma, notamos que existem punições psicológicas que podem recair de duas formas, primeiro que incide sobre a pessoa que é ameaçada e a segunda e mais frequente, causada pelo impacto da agressão no corpo

dos comentadores agredidos, esta última expande-se em toda sociedade que entende que a expressão tem custos perversos e modificam a sua linguagem.

Por fim, concluímos que enquanto um corpo incapturável, o soberano desconhecido continua ameaçando a liberdade de expressão na sociedade e nos debates televisivos, e como consequência da inoperância das autoridades em capturá-lo, ameaça a legitimidade do Estado e reduz a crença dos cidadãos nas instituições Estatais principalmente as de segurança e justiça.

Referências

- BAUER, Carlos. **Sobre a Televisão**: reflexões históricas. *In*: Cenários da comunicação. UNINOVE. São Paulo, v. 1, n. 1, 2002, pp. 27-41.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**: Seguido de A influência do Jornalismo e os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRITO, Luís de. **A Frelimo, o Marxismo e a Construção do Estado Nacional 1962-1983**. Maputo: IESE, 2019.
- BRITTOS, V. C.; MIGUEL, J. **Comunicação e mercado**: a lógica televisiva moçambicana. *In*: Economia e Políticas da Comunicação. Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO. Vol III, 2005.
- CABRITA, João. Mozambique: **The Tortuous Road to Democracy**. Palgrave, 2000.
- CHICHAVA, S; POHLMANN, J. Uma Breve Análise Da Imprensa Moçambicana, *In*: BRITO, L., CASTEL-BRANCO, Carlos; CHICHAVA, Sergio; FRANCISCO, A. (eds), **Desafios para Moçambique 2011**, Maputo: Instituto de Estudos Sociais E Económicos, 2010, pp. 127-138.
- DENICOLI, Sergio. **TV Digital**: Sistema, Conceitos e Tecnologias. São Bartolomeu: Graçio Editor, 2011.
- DOYLE, Aaron. **Revisiting the synopticon**: Reconsidering Mathiesen's 'The Viewer Society' in the age of Web 2.0. *Theoretical Criminology* 15(3), 2011, pp. 283-299.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 27 ed. Petrópolis, Vozes, 1999.
- FREIRE FILHO, João. **História da Televisão**: Teoria e Prática. Trabalho apresentado ao NP 07 -Comunicação Audiovisual, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa do Intercom, 2004.
- FUCHS, C. **How can surveillance be defined?** *MATRIZES* 5(1), 2011, pp. 109-133.
- HADLAND, Adrian. Africanizing Three Models of Media and Politics: The South African Experience. *In*: HALLIN, Daniel C.; MANCINI, Paolo (eds). **Comparing Media Systems beyond the Western World**. Cambridge University Press, 2012, PP. 96-118.
- HAGGERTY, Kevin; ERICSON, Richard. The surveillant assemblage. *In*: HIER, Sean; GREENBERG, Josh (eds). **The surveillance studies reader**. Berkshire: Open University Press, 2000/2007, pp. 104-116.

- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Anuário Estatístico**. Maputo: INE, 2018.
- JURGENSON, Nathan. **Review of Bauman and Lyon's Liquid Surveillance: A Conversation**. *Surveillance & Society* 11(1/2), 2013, pp. 204-207.
- LACE, Susanne. The new personal information agenda. *In: _____* (ed.). **The glass consumer**. Birstol: Policy Press, 2005, pp. 207-245.
- LYON, D. **Globalizing Surveillance: Comparative and Sociological Perspectives**. *International Sociology* 19(2), 2004, pp. 135-49.
- MARISA, Stela; UATE, Raul; PERREIRA, Milton. **A Governação electrónica e o acesso à informação em Moçambique**. Maputo: Associação Centro de Direitos Humanos, 2014.
- MATIAS, L. **Moçambique: Jornalista Ericino de Salema raptado e encontrado gravemente ferido**. DW, 2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt/002/mo%C3%A7ambique-jornalistaericino-de-salema-raptadoe-encontrado-gravemente-ferido/a-43156583>>. Acesso em 13/05/ 2019.
- MIGUEL, Joao. **Mídia, política e mercado na sociedade moçambicana: o setor televisivo aberto**. Tese de Doutoramento em ciências da Comunicação. Universidade do Vale Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.
- MOÇAMBIQUE. Constituição (1990). Constituição Da República de Moçambique. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique, 1990.
- MUATIACALE, S. A. A. L. **Estratégias discursivas dos telejornais de Moçambique: análise crítica do jornal nacional e do jornal da noite**. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.
- NHANALE, Ernesto. **O Jornalismo e a democracia em Moçambique: A cobertura dos casos de corrupção nos jornais Domingo e Savana**. Tese de doutoramento. Barcelona: Universidade autônoma de Barcelona, 2017.
- OPEN SOCIETY INITIATIVE FOR SOUTHERN AFRICA (OSISA). **Moçambique Democracia e Participação Política**. Joanesburgo: OSISA, 2009.
- ORWELL, George. **1984**. São Paulo: IBEP, 2003.
- SOUSA, Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. 2ª ed. Porto, 2006.
- TSANDZANA, D. **Juventude urbana e redes sociais em Moçambique: A participação política dos conectados desamparados**. *Comunicação e Sociedade*, 34, 2018, pp. 235-250.
- VOA. **Comentarista moçambicano agredido violentamente em Maputo**, 2016. Disponível em: <<https://www.voaportugues.com/a/comentaristamocambianoagredidomaputomacuanne/3341858.html>>. Acesso em 13/05/2019.
- WEBSTER, C. et al. **Social Perspective of Surveillance and democracy**. Project: Increasing Resilience in Surveillance Societies (IRSS), 2014.
- WOOD, D. M. Beyond the panopticon? Foucault and surveillance studies. *In: CRAMPTON, Jeremy; ELDEN, Stuart* (Eds.), **Space, knowledge and power: Foucault and geography**. Aldershot: Ashgate, 2021, pp. 245-263.

ZOVIN, Cristiane de R. **A força da televisão na construção do imaginário**: o papel cultural das máquinas de imagens na vida das pessoas. Brasília: Revista F@ro N° 7 Estudos. 2007.

Recebido em: 20.04.2021

Aprovado em: 20/07.2021